

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

108

INSCRIÇÕES 476-478



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
2013

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Arqueologia e Artes
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



CUPA FUNERÁRIA ROMANA DE MÉRTOLA
(*Conventus Pacensis*)

Foi recolhida em trabalhos agrícolas, em data incerta, nas imediações da localidade da Quintã, freguesia e concelho de Mértola, uma cupa funerária romana, de que os investigadores do Campo Arqueológico de Mértola tiveram conhecimento no começo do presente ano de 2013, providenciando de imediato a sua conveniente salvaguarda e divulgação. Encontra-se (Julho de 2013) ainda exposta no átrio dos Paços do Concelho (FIG. 1), mas a intenção é que venha a integrar, dentro em breve, o acervo da Casa Romana do Museu de Mértola.

Está completa e ostenta no dorso três pares de aros gravados (interrompido o central para dar lugar ao campo epigráfico); soco bem demarcado, apenas com leves falhas nos cantos, resultantes do manuseio ao longo dos tempos. Campo epigráfico centrado, delimitado, superior e inferiormente, por ranhura simples, e lateralmente por ranhura, que é interrompida na parte central, na medida em que há, em cada canto, uma suástica gravada. Aliás, quase seríamos tentados a considerar essa decoração como parte integrante do campo epigráfico, caso não houvesse as ranhuras que claramente a separam. Do ponto de vista estético, é a primeira vez que se regista em cupas do *conventus Pacensis* este tipo de decoração, embora, como se sabe, a suástica constitua motivo assaz frequente na iconografia romana, nomeadamente em mosaicos.¹

¹ Medidas das suásticas por ordem sequencial: em cima, à esquerda: 6,5 x 6,6 cm; à direita: 7 x 7; em baixo, à esquerda: 6,3 x 5,5; à direita: 6 x 5,5 cm. Recorde-se que, em *Conimbriga*, uma das casas foi mesmo baptizada de «casa do mosaico da cruz suástica». Fernando Coimbra tem-se dedicado intensamente ao estudo

De mármore branco, com veios cinzentos de grão grosso, mui provavelmente de Trigaches, apresenta o lado esquerdo do soco perfurado, com um orifício circular de 4 cm de diâmetro. Estas aberturas, bem documentadas em vários tipos de sepulturas romanas, estão relacionadas com a prática de libações funerárias, que consistiam na realização de refeições em honra do defunto, no decorrer das quais se vertiam para o interior da sepultura as oferendas. A existência de uma concavidade nessa parte lateral esquerda documenta a sua posterior reutilização na vertical. A parte lateral direita da cupa apresenta-se lisa e apenas se regista a presença de um ponto, como que a marcar o centro da peça.

Dimensões: 45 x 100 x 55. Altura do soco: 10.

Campo epigráfico: 22 x 33. Incluindo as suásticas: 53 de largura.

Altura das letras: 3,8/3,5 (D inicial = 4; O = 3). Espaços: 1: 2,5/3; 2: 2; 3 a 5: 1; 6: 0,5/0,6.

Caracteres actuários, dir-se-ia que desenhados à mão levantada, sem qualquer preocupação estética: M muito largo; O oblongo; A de vértice abaixo da terminação da haste da direita e de barra (pelo que nos é dado ver, ainda que com dificuldade, devido ao grande desgaste sofrido pela superfície epigrafada) ora levemente oblíqua ora horizontal; S simétrico, mas oblongo também; V aberto e de vértice inferior curvilíneo, a denunciar ter sido traçado com um movimento único.

Fórmula consecratória inicial centrada, que poderá ter sido previamente gravada na oficina, antes da encomenda do resto da epígrafe, mormente se atendermos ao módulo maior das letras e ao facto de a distribuição das linhas não ter sido cuidada, apesar do evidente intuito de alinhamento à esquerda.

Pelas suas inusitadas características, o texto (FIG. 2) coloca questões de leitura e de interpretação que vamos procurar equacionar e só depois adiantaremos – embora com carácter dubitativo – uma proposta.

dessas representações; vide, por exemplo: COIMBRA (Fernando), «Lápides funerárias romanas com suástica em Portugal e na Galiza», *Anuário Brigantino*, Concello de Betanzos, 30, 2007, p. 117-141. Aliás, sobre o tema apresentou às universidades de Salamanca e Autónoma de Lisboa, em 2007, a dissertação de doutoramento intitulada *A suástica em Portugal e na Galiza, desde a Idade do Bronze ao fim do Período Romano: problemática da origem e da interpretação*.

Na l. 2, a dificuldade reside mesmo no final, onde a pedra sofreu profundo desgaste: XXI, AII ou AM? Chegámos também a considerar a existência de um ponto após MARCI (do I temos apenas a metade superior) e, nesse caso, se optássemos pelo numeral, teríamos AN(*norum*) XXI (*unius et viginti*). Ou seja, o nome do defunto, *Marcus*, estaria em genitivo e indicava-se a idade com que falecera.² No entanto, o que na foto e com determinada incidência de luz sugere a letra X carece de confirmação na pedra, dado que a perna da esquerda não tem, de facto, continuação para lá do ponto de encontro com a da direita, pelo que nos inclinamos para ler um A em jeito de lambda, sem que possamos garantir se, depois, há um M ou um E grafado como dois I, possibilidade esta, porém, que rejeitamos, por haver E escrito diversamente na linha seguinte. Mau grado essa debilidade final, pensamos não haver dúvida de que estamos perante o antropónimo latino *Marcianus*, que detém mais de 20 testemunhos registados na Lusitânia.³

Na linha 3, entre o A inicial e o O, existe espaço para duas (ou três) letras não identificáveis; se, porém, lermos um T antes desse O, seria aliciante optar por um antropónimo de nominativo em -o, na medida em que MEMORI/AM POSVIT requer um sujeito a anteceder a acção que realiza. *Avito*, -onis ou *Anto*, -onis seriam, nesse caso, hipóteses a considerar. Não encontramos, porém, paralelos que apoiassem tal opção. Também não lográmos identificar eventual advérbio ou palavra invariável susceptível de se enquadrar no espaço disponível.

A interpretação do final da l. 5, ainda que em local inusitado da epígrafe, afigura-se-nos plausível: AN(*norum*) · LXV, estando o V em nexa com o X; contudo, para alguma luz se lançar – se tal é possível – no sentido das duas últimas linhas, há que voltar ao final da l. 4: que significa VIT? Iniciar-se-á aí a identificação de outra personagem? Que poderá ler-se na l. 5? O forte desgaste aí sofrido pela pedra deixou-nos apenas um traço oblíquo, que não garantimos seja parte de um A, pois nenhum outro vestígio temos de restos do seu eventual traçado. De seguida, LOVIA parece não oferecer dúvida, sem que também se consiga, porém, descortinar o real significado desse

² *Marcus* é, habitualmente, *praenomen*; contudo, atesta-se na Lusitânia também como nome único, o que facilmente se compreende numa sociedade em que o modo de identificação não detém regras rígidas, mormente se pensarmos em ambiente funerário, mais condizente com os processos identitários orais e familiares.

³ Cfr. MILAGROS NAVARRO CABALLERO e JOSÉ LUIS RAMÍREZ SÁDABA (coord.), *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida / Bordéus, 2003, p. 228, mapa 191.

vocábulo nem dos traços seguintes: uma haste vertical precedida, na sua metade superior, de um traço encurvado; e não consegue perceber-se se algo mais há antes de AN.

Caso arriscássemos o A, no início da l. 5, e juntássemos tudo, teríamos *Vitalovia*; mas é opção que não fará sentido, atendendo ao carácter totalmente excepcional do termo e porque há uma explicação plausível para VIT: o lapso do lapicida, que, inadvertidamente, repetiu as três últimas letras – repetição que não é distração invulgar (mesmo na actualidade). *Alovia*, por seu turno, não parece estar documentado como antropónimo feminino na época romana, apesar de se registar o seu uso como nome na actualidade, de etimologia para nós desconhecida. Caso as letras *Lovia* escondessem um antropónimo, ainda poderíamos pensar em ver aí a menção do/a dedicante, justificando-se, desta sorte, a terminação em –o (do dativo) da primeira palavra da linha 3, que só poderia identificar, na circunstância, o grau de parentesco ou de relacionamento entre ambos. Resultaram, todavia, infrutíferas as diligências feitas para uma leitura menos eivada de dúvidas, quer pela minuciosa observação da pedra no seu lastimoso estado actual quer pela tentativa de se identificarem paralelos susceptíveis de carrear informação consistente. Ocorreu-nos, inclusive, que também poderia considerar-se a menção AMICO (apesar de o T estar bem visível), tendo em conta o amplo significado atribuído à *amicitia* no contexto da epigrafia romana. Nada, todavia, de consistente.

Por conseguinte, com todas as limitações que esta hipótese detém – e não esquecendo as alternativas apontadas – ousamos propor, com óbvia reserva, a interpretação seguinte:

D(iis) · M(anibus) · S(acrum) / MARCIANA[M?] / A[...]TO
MEMORI/AM · POSVIT VIT [sic] /[...] LOVIA [...] AN(norum)
LXV (*quinque et sexaginta*)

Consagrado aos deuses Manes. Marciana... colocou a memória ... de 65 anos.

Em suma, se já o recurso às cruzes gamadas como elemento decorativo aduz singularidade ao monumento, não é menos certo que outros aspectos confirmam tal singularidade: a utilização – que não é muito frequente – da expressão *memoriam posuit*; a distração do lapicida verificada na l. 4; a eventual ocorrência, pela primeira vez (que saibamos), do (possível) vocábulo *Lovia* em contexto romano.

A presença da invocação aos deuses Manes; a decoração com as suásticas, indicadora de uma aculturação plena, mormente atendendo a um certo preciosismo estético que a sua implantação representa; o uso da palavra *memoriam* (aqui, com uma conotação mais de fala corrente do que de texto epigráfico); a desajeitada forma como foi concebida a paginação e gravados os caracteres – constituem factores susceptíveis de propor uma datação dos finais do século II da nossa era.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

VIRGÍLIO LOPES

Bolseiro de Doutoramento da FCT



1



2